



ISSN 1980-7341

n. 10 (2013)

O CAMINHO CARTOGRAFICO DA FILOSOFIA E CIÊNCIA À CONSTITUIÇÃO DE SI

Catiane Peron¹
Silas Monteiro²
Andréia Dalcin³

RESUMO:

O presente artigo apresenta elementos de uma pesquisa realizada junto Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pelo mestrado em Educação e foi desenvolvido ao longo da disciplina Pesquisa em Ciências da Educação. Buscamos traçar de forma concisa a linha temporal da filosofia e ciência, perpassando pelas correntes filosóficas científicas que pré- moldaram a ciência contemporânea e deram consubstancia ao ensino, pesquisa e processos educacionais que hoje conhecemos. Temos como foco identificar este caminho filosófico precursor das ciências, o caminho tangente e diedral de ambas e seus efeitos na educação, sociedade, voltando esse caminho cartográfico por nós criado para compreender um pouco mais dos processos formativos do ser, do individuo em sua individuação em cada período de cada torrente, bem como, os nexos e processos desse caminho filosófico que fazem direta ou indiretamente, parte dos elementos que no ser humano constroem edificações e estruturações do processo chamado constituição de si.

Palavras-chave: ciência e filosofia, educação e processos formativos, constituição de si.

ABSTRACT:

This article is part of a survey conducted in the Graduate Program in Education Institute of Education, Federal University of Mato Grosso (UFMT), the Masters in Education and Research is included in the discipline in Education. It aims to outline a concise timeline of philosophy and science, spanning the scientific philosophies that shaped the pre-modern science and gave embodies the teaching, research and educational processes we know today. It focuses on identifying this path philosophical precursor of the sciences, the path tangent and both dihedral and its effects on education, society, turning this way we created by mapping a little more to understand the formative processes of being, the individual in his individuation in each period of each stream, as well as the connections and processes that make this philosophical way directly or indirectly, of the elements to construct buildings in humans and structuring the process called self-constitution.

Keywords: science and philosophy, education and training processes, the constitution itself.

¹ Mestranda em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

² Doutor e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da

UFMT. ³ Doutora e docente da UFMT.



n. 10 (2013)

CIÊNCIA E FILOSOFIA: O FRUTO GEMELAR BIVITELINO DO HOMEM

Por mais que se tente segregar ciência e filosofia, seja para fins didáticos ou metodológicos, pensamos que seja impossível uma total separação, como qual sentenças opostas. Em posições conceituais sim, e até cronológicas; todavia, não nos parecem ser tão dispares suas ideologias, idiosincrasias e premissas.

Tanto que, para compreender o significado de ciências e sua evolução da pesquisa experimental até o âmbito educacional e de pesquisas atual, precisamos perpassar pelas pedras angulares que lapidaram a cientificidade até onde e como tal a conhecemos.

Acredito, que antes do surgimento de ciência e filosofia enquanto substantivos, existia o homem natural, rodeado pela natureza e sociedade das quais fazia parte. Este homem individuo, sujeito de si, de maneira instintiva ou não buscava o conhecimento, o conhecimento do fazer, o conhecimento experimental, o homem primitivo aprendeu a partir de experiências ou acidentes empíricos, transmitindo e compartilhando seu saber à sua posteridade. A construção do saber, a partir disso, fica evidente como sendo uma disposição humana intrínseca latente. Esta construção de saberes advinha das idéias, o movimento destas idéias no real, e da quebra dos paradigmas e questionamentos.

Portanto, filosofia e ciência, ambas caracterizam-se como frutos da necessidade humana, intrínseca e latente, de superação, de saber, conhecer, de rasgar o véu entre homem e universo.

No sentido, antes de tratarmos da ciência, pesquisa e educação em pressupostos, métodos e evolução, será feito um resgate sucinto das questões relacionadas à filosofia, nascimento da ciência, educação e do que hoje chamamos pesquisa em ciências, considerando algumas das torrentes de pensamentos humanos sócio antropológicos, filosóficos e psicossociais que se fizeram pilares para emergir os pensamentos desconstrutores e de nova posição do homem enquanto sujeito, individuo, a descoberta do ser.

Podemos citar brevemente a concepção da filosofia, conforme Chauí (2000), nos pilares da antiga Grécia pitagórica como uma aspiração inata ou inclinação natural ao desejo de conhecimento racional, cunhado na lógica do pensamento real, concreto, humano. Esta torrente, datada do ano



n. 10 (2013)

V a.C já buscava o pensamento real, lógico, sistemático, que pudesse demonstrar origens, causas e consequências.

Os estudos de Chauí (2000) demonstram que cada povo, imbuído de sua sabedoria intrínseca, concebia seu próprio pensar filosófico conforme o desenvolvimento cógico-social do homem. E esta concepção, acompanhada do próprio processo de “civilização” do homem, contribuiu para, em cada região, o nascimento de padrões de pensamento, comportamento e atividades que, pela sua utilização contínua e difusão, chamá-los-íamos de cultura. E, talvez, não tão ligado à esta cultura (criticada por Nietzsche principalmente), ideologias, questionamentos, aspirações e pensamentos marcantes começam a surgir como cataclismos sobre as sociedades de cada período. A estes pensamentos, precursores das grandes revoluções humanas e sociais, muitos chamam de filosofia.

O NASCIMENTO DO PENSAR FILOSOFICO: PRECURSOR DA CIENCIA

Entendendo que a filosofia e a ciência são elaborações e criações humanas, partindo desta premissa, abordaremos primeiro a filosofia e seus pressupostos.

A filosofia clássica, de origem fundamentalmente grega concebe em essência o pensamento filosófico, seu conteúdo elementar (CHAUÍ, 2000). O povo grego, em sua crença politeísta e metafísica, já concebiam e aceitavam esta essência pela própria existência de Athena, a deusa da sabedoria. E, esta busca pela sabedoria até mesmo nos divinos compêndios de sua fé, fez com que buscassem a compreensão do destino, da cultura, da natureza através de pensamentos e afirmativas lógicas.

No entanto, a mesma Chauí (2000) raramente utiliza o termo filosofia. Utiliza-se do termo Atitude Filosófica, que, para ela, teria elementar atitude crítica e pensamento crítico. Pensamos, que, nas entrelinhas do que disse, afirmar um conceito à filosofia seria fugir da essência dela, negá-la, porquanto, esta deseja a verdade e conhecimento, que não são absolutos, e vivem em constante dialética.



n. 10 (2013)

Serra (2008) discursa em sua obra que a “filosofia é a mãe da ciência” e/ ou “irmã da ciência”, admitindo uma relação invariável com uma linha tênue de separação entre elas, que pode nos remeter a idéia de causa e efeito inversa e variavelmente proporcional. Para ele, o nascimento simultâneo, e a sua arquetipia de modelação social são características que as tornam não únicas, mas ligadas covalentemente, diedrais por natureza. Assim, a filosofia especula os princípios das coisas e as idéias fundamentais, ou seja, a natureza e essência, e já a ciência faz a observação, experiência e a indução, tendo como sujeito o mundo dos fatos.

Depois que conjecturamos o caminho provável, interseccional e diedral da ciência e filosofia, não podemos afirmar a construção destas grandezas sob pilares separados, nem a total homogeneidade ou heterogeneidade de elementos constituintes. Cremos, contudo, numa ligação covalente de sinergia que oferece a ambos os substantivos consistência e homeostasia².

Este caminho o qual ambas trilharam, cresceram, evoluíram e por fusão e hibridação de seus elementos, que, por sua vez, geraram as correntes de pensamentos e evocação de métodos para afirmar o saber, o conhecimento à luz do concreto e verossímil; fazendo, em nossa particular visão, o método científico a junção com funções elementares e complementares da filosofia e ciência.

O estudo da astronomia, corpos celestes, movimentos posição e disposição dos corpos celestes e cosmos, a geometria e cálculos matemáticos que começaram por Ptolomeu, Copérnico, Brahe precederam o período iluminista e iniciaram os primeiros estudos científicos (HAWKING, 2005; COHEN, 2002).

Newton, pelo caráter experimental de suas proposições pode ser por vezes visto como possível precursor do positivismo, fazendo menção de uma “filosofia experimental”. Este mesmo Newton optou pelas “regras” e “leis”. A objetividade do experimento, apesar da descoberta infinitesimal e calculo diferencial, nos infere que os métodos newtonianos foram o arrimo que descreveria a ciência como “exata”.

Em síntese, o método científico de pesquisa, em seus primórdios, consistia na presunção de descobrir causas e efeitos, estabelecer princípios e por estes explicar os fenômenos e demonstrá-los (HAWKING, 2005).



n. 10 (2013)

PENSAMENTOS SOCIO-ANTROPOLOGICOS: AS CORRENTES DE PENSAMENTO HUMANO FIGURADAS EM CADA ÉPOCA

Para Cohen (2002), até o período de Newton, ou período de efervescência da ciência (“nova ciência”) pelo Iluminismo e Renascimento, havia ainda a busca pela prova e experimentação do fato como método científico. Já abordado o discurso da ciência e filosofia quanto às características de sua concepção e historia, não descartamos a necessidade de falar da episteme ou epistemologia como um dos arcabouços da chamada ciência.

A epistemologia pode ser entendida como um estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados da ciência já construída. E, estuda, portanto, as bases da teoria da ciência a fim de discerni-la em essência (LEBRUN, 2006). Serres apud Lebrun (2006) fala da epistemologia como uma razão que estabelece relação de dois domínios separados (filosofia e ciência), questionando ambas em conceito, exeqüibilidade, construção.

A partir disso, a ciência deixa de ter o caráter exato do princípio com Newton e passa a ser móvel, instável, volúvel e volátil, tal qual a própria física da natureza que tornou-se relativa, cheia de indeterminações e questões, as regras e leis absolutas não se perpetuam mais resolutas e imutáveis. Para Lebrun (2006) até Descartes admitia a volubilidade das certezas (“só sei que nada sei”), sugerindo que esta se baseie no “novo olhar”, à uma nova prática de conhecimento da ciência. A leitura de seu texto infere-nos que, acreditam que a episteme perdeu-se no caminho evolutivo da ciência e chegando ao seu êxito letal de não mais existência, acentuando-se ao niilismo nietzschiano³.

A questão sobre epistemologia, ainda díspar e hibridizada, fez emergir a idéia de dissolução da divisão existente entre as ciências, em especial ciências humanas e sociais, pressupondo que, a episteme deve-se ocupar e ocupar à ciência do tratamento de si mesmas no conhecimento, e ao tratamento do conhecimento na ciência. Esta epistemologia suscitada após a filosofia ou cientificidade experimental para Lebrun (2006) remete à corrente positivista de Comte.

Para Santos (2009) a corrente positivista é resultado da condensação de pensamentos precedentes de Bacon de cunho racionalista, cartesiano, empírico. Para Pereira & Araújo (2009) o



n. 10 (2013)

positivismo, através dos seus dados orientam a elaboração de novas teorias, já que pela experimentação aprovativa conclusiva estabelecerão uma regra ou lei, exemplificadas anteriormente por Isaac Newton em suas teorias.

Andery et al (2007) nos infere ainda uma visão um tanto determinista do positivismo, admitindo princípios de causalidade nesta corrente, em sua análise Comte argumenta que o mais próximo do entendimento dos fenômenos chegaríamos pelas leis gerais que os regem e são invariáveis. Ou seja, vindas deles, e entendidas até o ponto que a experimentação pode demonstrar sua natureza.

Na defesa ou contraposição ao positivismo identificamos diferentes correntes filosóficas que contribuem para novos modos de perceber e caracterizar o pensamento científico.

O Marxismo enquanto pensamento científico surgiu da ascensão do movimento operário, da luta de classes. Teve epicentro a sociedade industrial do período da Revolução Industrial. A concepção marxista fala da sociedade como um complexo de relações em movimento dialético constante (ANDERY et al, 2007).

A perspectiva do pensamento de Marx remete a uma investigação da essência, em todo seu aspecto, na indivisibilidade da matéria, tentando descobrir a gênese, o processo, o devir, a interação e integração dos processos que o formam e condicionam. Marx considerava o pensamento como material transposto à cabeça do homem, sendo, portanto, manifestação do real (ANDERY, 2007). Marx alçou-nos a idéia de que o conhecimento parte-se dos fenômenos da realidade (conhecer, reconstruir, analisar e reinserir na realidade).

Para Pires (1997) Marx critica a lógica formal que separa sujeito-objeto, segmenta as relações e tem caráter reducionista. Conjecturamos, apenas conjecturamos, que Marx pudesse estar buscando através da dialética materialista histórica a superação da separação, do reducionismo, que traz à lembrança as relações de poder e domínio do sistema capitalista execrado por ele; o método marxista pode ser considerado uma forma de compreensão e interpretação lógica do mundo, considerando todas as dimensões que o formam no real e o levam à materialidade e à concretude.

O estruturalismo, corrente de pensamento influente em diversas áreas de conhecimento além da filosofia (pedagogia, psicologia, psicopedagogia, economia e administração, história, ciências sociais e humanas em geral), têm como representantes Piaget, Saussure, Lévi-Stráuss, entre outros.



n. 10 (2013)

O estruturalismo acondiciona consigo elementos da psicologia, da Gestalt e partículas fenomenológicas.

Existem no estruturalismo uma dualidade tal como a causalidade na física, dizendo a estrutura social deve ser reconstituída dedutivamente e não pode ser constatada a título de dado, o que significa que ela está para as relações observáveis assim como, na física, a causalidade está em relação às leis; por outro lado, em paralelismo à psicologia, diz que a estrutura não pertence à consciência e sim ao comportamento e o indivíduo adquire dela apenas um conhecimento restrito, através de tomadas de consciência incompletas, que se efetuam por ocasião das desadaptações (INHELDER, 1979).

Inhelder (1979) faz alusão em seu hipertexto analítico de um estruturalismo antropológico de Claude Lévi-Straus, explicitando seu modelo como encarnação de uma crença na perenidade da natureza humana, seu estruturalismo antropológico apresenta um caráter exemplar e constitui o modelo (nem funcional, nem genético, nem histórico) dedutivo sobre a existência da ligação entre a "doutrina" da estrutura como fato primeiro da vida dos homens em sociedade e o estruturalismo construtivista da inteligência. Lévi-Strauss deduz que o primeiro princípio fundamental do pensamento estruturalista se perfaz das relações "concretas", mas buscará a estrutura subjacente e "inconsciente", obtida somente pela construção de modelos abstratos.

O estruturalismo em linhas gerais não leva em consideração os agentes participantes os atores sociais ele leva em consideração as relações sociais, que são as relações concretas faladas por Lévi-Strauss que possibilitam os modelos abstratos. Diante disso, estruturalismo coloca em evidência o que objetivamente existe, todavia agora disposto de forma abstrata. Pode-se fazer uma analogia com um organismo: dentro desse organismo cada parte tem uma função, e o funcionamento depende de como elas estão estruturadas e arquitetadas. O estruturalismo busca captar aquilo que está por trás do não observável, dar sentido a dados empíricos e entender esse empírico, tentativa de abstrair o imaginário humano e a "estrutura social" onde toda a sociedade participa de uma estrutura única, diversa mas ainda assim, uma estrutura geral de caráter universal na sociedade e os grupos sociais só mudam de fato quando muda essa estrutura. Por isso, o estruturalismo fala também de conhecer as relações que envolvem um objeto e sujeitos, captando as *relações* com ideação talvez que remeta ao platonismo fabular da República de Platão.



n. 10 (2013)

UMA NOVA VISÃO ANTROPOCENTRICA

Andery et al (2007) expõe que John Locke, no século XVII já defendia a experiência como fonte de idéias e as idéias como fonte de conhecimento. Para ele as idéias eram inatas, refletindo a experiência do homem e sua relação com o mundo que o cercava, e, a capacidade de ter sensações; a partir dos objetos do mundo exterior o homem tinha as idéias que constituíam as sensações, e as idéias que diziam respeito às operações da mente eram constituídas de reflexão.

Na análise de Andery et al (2007) fala-se de uma intensa relação entre mundo real e conhecimento; o acordo e desacordo de idéias que ocorriam na estrutura do ser que para Locke eram a identidade, a relação, coexistência e existência real. Locke foi o primeiro a fazer alusão da experiência sensível na produção de conhecimento, citando características fenomenológicas de sensação, percepção e corporeidade. A experiência e os sentidos são tidos relevantes ainda para Berkeley, contemporâneo de Locke que acreditava que todo o saber advinha da experiência do sujeito e percepção do sujeito. Kant considerava que o conhecimento independia da experiência, mas da razão, e esta como arrimo de conhecimento científico era por ele relevada e admitida como condicionada à experiência, dando entre elas uma relação causal.

A manifestação filosófica do século XX apontada como mais antropocêntrica que todas as outras é a fenomenologia por E. Husserl. A fenomenologia é um movimento que intenta alcançar as dimensões do homem, e é apontada como precursora das ciências humanas e sociais pelo eixo e caráter total de dimensões antropocêntricas.

Este movimento, também percorrido por Serra (2008) aponta que um dos primeiros a utilizar o termo fenomenologia foi Hegel, pretendendo construir um “Sistema da Ciência”, ou um sistema de filosofia total e definitivo, onde a chamada Fenomenologia do Espírito constituiria a sua primícia. A fenomenologia de Hegel pode ser vista como empirista já que a experiência vivida de seu eixo central era o foco desta vertente.

No século XX, a partir de supostos e com objetivos relativamente diferentes, Husserl esboça o projeto de uma Filosofia “como ciência rigorosa”, que, enquanto “apreensão fenomenológica das essências”, deve fundar as próprias ciências empíricas, criticou a metafísica e o positivismo, para constituir uma abordagem epistemológica e uma ontologia fundamentadas não em pressupostos



n. 10 (2013)

teóricos, mas na própria vivência de consciência pré-reflexiva do sujeito em sua correlação intrínseca com o mundo. Ele elege a vivência de consciência pré-reflexiva do sujeito cognoscente como o critério de produção do conhecimento (GONÇALVEZ, 2008 e SERRA, 2008).

A fenomenologia será uma ciência rigorosa, mas não exata. Que procede por descrição e não por dedução. Ela se ocupa dos fenômenos vividos da consciência a partir de um conceito que é fundamental nesta tentativa de relançar a temática da percepção - a consciência intencional. O princípio da intencionalidade é que a consciência é sempre ³FRQVFLRQLDGHDOXPD FRLVD TXH HODV y p FRQVFLRQLDGHDOXPD GREGUILLGSDUDXP REMRW Bem como o objeto só pode ser definido em sua relação com a consciência, na medida em que ser objeto é sempre ser objeto para um sujeito (GONÇALVEZ, 2008).

Considerar o fenômeno na sua pureza absoluta foi a única forma como pareceu possível a Husserl começar por um fundamento inteiramente radical, em busca da construção de uma filosofia de absoluto rigor científico. Na visão do fenômeno puro, o objeto não está fora do conhecimento, fora da consciência. Ele apresenta-se, ao mesmo tempo, como autoposição absoluta do que é puramente visto. Esta intuição originária é, para Husserl, a característica fundamental da verdadeira evidência (GONÇALVEZ, 2008).

Portanto a fenomenologia husserliana visiona o racionalismo total e intencionalismo VHP GLVRFILUREMHVCR VXLWRP HLRFRQFHEGCR TXH p TVH LVLWFRQVFLRQLDp GHDR RX alguém TV SUHVGRG OIHEDUR QRVVRROKDSDUDD DQVH GR YLYGR G DV HSHULCFLDV puramente vivenciais, não para ser definido, mas apenas descrito.

Este núcleo de filosofia e metodologia de estudo, pela sua mais profunda visão sobre o homem, foi explorada por diversos nomes em diversas vertentes como algumas já citadas. Todavia, Merleau Ponty, um filósofo e fenomenologista francês, criticou a ciência e filosofia e a própria episteme nestas inseridas, derribando os conceitos dualísticos, separatistas e reducionistas. Criticou a ciência que afasta o homem do centro, a ciência é feita pelo homem e não o homem pela ciência. Utilizou-se de estudos do comportamento e psique para crer que o homem, a experiência, o mundo e os sentidos

humanos são indissociáveis; onde a essência se encontra nos cotidiano, nas



n. 10 (2013)

peculiaridades da relação ser-existência. Para Ponty o que nos liga ao mundo é o conjunto de sensações, percepção e corporeidade, o conjunto sinestésico: a totalização de sentidos no corpo.

MERLEAU-PONTY E A PERCEPÇÃO

O núcleo da fenomenologia de Ponty está no sentido da percepção, com a qual, acreditava ele, conseguir com maior êxito se achegar a realidade concreta da existência do indivíduo (GONÇALVEZ, 2008).

Com vieses da neurofisiologia e biofisiologia⁴ orgânicas, envolvido também com temáticas de cunho psicológico e patológico, a partir da premissa desta total ligação de corpo e fenômeno, alçou a percepção como testemunha e ferramenta capaz de analisar a experiência além de si mesma, como ela se dá e sua concretude na existência real de quem vivencia. Parece-nos existencialista, todavia consegue ir além, apesar de ser concebida na mesma placenta que existencialismo e estruturalismo.

Ponty ressignificou as noções de consciência, sujeito, mundo, incluindo a percepção e sensação nos seus moldes de fenomenologia, visando compreender a consciência pelas experiências do corpo e no meio. Tentando mostrar que este organismo reage mais a elementos isolados.

Este pensar remete a tal profundidade de elementos, que o nome fenomenologia por Ponty é apenas uma alcunha de um pensamento que envolve, de fato, em pequenos e pequenos pontos, elementos dialéticos, marxistas, estruturalistas e desconstrutores.

Ponty articula em seu pensar concepções de instintos, circunstâncias que conferirão a predisposição ou probabilidade de um estilo de constituição de si mesmo e de relacionamento com

⁴ Termo da biofisiologia, designado para descrever constância dinâmica ou condição de equilíbrio no ambiente do corpo produzido pela interação de todos os processos reguladores do corpo, em resposta às condições que se alteram. TORTORA, G.J & GRABOWSKI, S.R. **Princípios de Anatomia e Fisiologia**. 9.ed. Editora

Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro: 2002. Pg.06



n. 10 (2013)

o meio. Ponty acredita na total fusão de corpo e psique, não apontando limites orgânicos anatomofisiológicos entre eles.

Ponty realmente vê o corpo em uma ótica como a de Morin (2005) na integralidade e complexidade; acreditando na impossibilidade do reducionismo, na total interconexão e interdependência de órgãos, sentidos e organismo. O que, outrora, já fora explicado e apontado como correto por fisiologistas como Tortora & Grabowski (2002) pelas faculdades proprioceptivas do organismo que pela cinestesia traz a percepção para os movimentos corporais, interligando funções e órgãos, constituindo o corpo que sente.

Esta ótica fenomenológica não aponta limites entre sistema nervoso, psique e corpo. Por este motivo, a conduta perceptiva, a percepção emerge precisamente das relações com a situação, as quais não são objeto de um puro sujeito do conhecimento, mas produto da ação de um sujeito no mundo, em seu ser-corporal (MERLEAU-PONTY, 2000).

A filosofia de Ponty traz elementos que fazem lembrar os Gestaltismo, pela procura das partes no todo, a contemplação do todo dentro das partes, e do movimento - "filosofar é procurar, é, implicar que há coisas para se ver e se dizer" (ZUBEN, 1984; GONÇALVEZ, 2008). Para Ponty a Gestalt, segundo Gonçalves (2008) reputa à estrutura da percepção, e do corpo humano (o que sente e percebe).

Ponty unificou psíquico e fisiológico dentro das estruturas orgânicas de um corpo até então estudado em partes isoladas. Através disso, alçou o ponto de partida do comportamento humano na corporeidade, sensação e percepção.

Conseguiu desfazer o dualismo trivial entre empirismo e racionalismo, admitindo-os na razão de organização transcendente da consciência com associação espontânea, sem ênfase dual ou deletéria, mas de integração, quase uma relação comensal de sensibilidade e inteligibilidade. Acreditando que a razão de Husserl e o empirismo de Hegel não se opõem. Buscou na percepção o método de problematizar esta oposição o que é considerado objetivo e subjetivo.

Vê-se, que de alguma forma, assim como os pressupostos dialéticos de Heráclito, Ponty consegue enxergar no movimento do contraste a ordem, e tal qual Benjamin Walter (1987), não admite um parecer teórico absoluto, constituindo sua filosofia de elementos complementares quase



n.10

dispares, mas que em funcionamento conjunto ampliam a visão do ser “grandes oceanos de verdade revelados” (Isaac Newton apud Westfall).

Gonçalves (2008) declara que Ponty partiu da compreensão do comportamento humano, sistema nervoso e fisiologia do comportamento, para questionar outra vertente de pensamento chamada causalidade. As aplicações destas leis implicam em aceitação também de dogmas metafísicos, determinismos absolutos. Irrompe as dualidades corpo-espírito, sujeito-objeto, homem-mundo, entendendo e fundindo conceitos e ideias, se opôs e diminuiu a distancia entre experiência e dados objetivos, admitindo que, para se estudar o homem enquanto ser, admite-se alguma ambiguidade e subjetivação.

Chauí (2002) analisa que, Ponty, tratava o corpo/comportamento enquanto estrutura, que possuía variabilidade conforme realidade e funções, e isso repercutiria na subjetividade e constituição do ser. O comportamento deste, logo, não será causal, mas dialético (marxismo dialético histórico), ou seja, composto de diferenças e relações internas, o que afasta a idéia de um processo de partes isoladas, reducionistas e regidas por causalidade. A noção de estrutura não viola o caráter sistêmico do cérebro e suas ramificações, mas revela um novo modo de conceber a interação entre seus componentes. Estudar a estrutura do comportamento, logo, gerou a necessidade de investigar a percepção.

Ponty analisou a relação intrínseca com o meio, no qual o corpo atua, pelo sensível, estudou as relações entre o sujeito, seu corpo e o mundo, o corpo e sua história. Concluiu que pelo corpo temos ciência do que acontece ao redor, e são as posturas corporais que oferecem a cada momento uma noção de nossas relações com as coisas e outros corpos. Para ele, o corpo é mais do que um instrumento de ação no mundo, “ele é nossa expressão no neste e a figura visível de nossas intenções” e este corpo absorve e personifica a percepção em seu sistema (MERLEAU-PONTY, 2000)

A percepção, deste modo, unifica as funções motoras e afetivas, e revela a importância de se voltar para a existência, as coisas percebidas fazem parte do desenvolvimento e constituição que não será concluído. Cada experiência fica aberta a uma nova possibilidade, a um novo tempo, a uma nova formação, colocando em foco o corpo e a existência, onde a história não é perpétua novidade



n. 10 (2013)

nem repetição ininterrupta, mas um movimento que cria e dissolve formas estáveis (GONÇALVEZ, 2008).

Ponty faz união entre o sujeito e o seu corpo “ e crê que este se realiza a cada instante no movimento da existência”. Enquanto método fenomenológico busca estudar a percepção, a existência sensível, a experiência vivida no corpo, pelo corpo, no meio, a não dissociação do corpo-mundo.

A fenomenologia da percepção permite conceber a experiência do mundo como quase indiferenciação, como se no plano do sensível as diferenças fossem *quase* abolidas por uma unidade de vida, onde corpo e mundo se comunicam porque são *carne*, isto é, possuem o mesmo estilo de ser, radicado na corporeidade. Para Ponty, esses pressupostos fazem parte da fundação e composição do ser que se constitui vivente e que se torna o que é. (GONÇALVEZ, 2008).

A OBSERVAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA PATOLOGIA DO VIVENTE

Considerando as reflexões apresentadas nas linhas anteriores deste artigo, estamos desenvolvendo a pesquisa de mestrado que busca em síntese observar e descrever a vivência do adoecimento no profissional docente. Percebemos, diante dos inúmeros teóricos, a importância da experiência na formação, construção e consolidação do conhecimento e idéias; agora buscamos compreender a relação desta experiência com a constituição do ser, propomos um estudo sob a égide de Nietzsche, Derridá, Deleuze e Canguilhem, entre outros que consubstanciaram a filosofia como uma medicina social e antropológica, capaz de desconstruir o arcabouço de verdades instituídas e redescrever o ser, introduzindo-o no percurso da vida ascendente como dizia Nietzsche.

Mediante conceitos da fenomenologia, otobiografia e conceitos de vivência e adoecimento na perspectiva de Nietzsche, buscamos compreender os processos formativos do eu, indivíduo, refletindo sobre a condição do vivente adoecido, suas ações, sua percepção, sua constituição que fazem e perfazem seu prisma existencial presente e do devir; buscando compreender cada fase revelada e experimentada: de individuação, vivência, desconstrução, constituição, redescrção de si, numa tentativa reflexiva de entender o este pequeno vislumbre das infindas e insondáveis



n.10

faculdades do ser. Partindo das vivências de Nietzsche, destacaremos nesta pesquisa a experiência sensível e subjetiva descrita na fenomenologia, a implicação da cinestesia nas faculdades proprioceptivas que compõem a sensação, percepção e corporeidade.

Dentro de perspectivas fenomenológicas o sofrimento e dor lapidam, e enobrecem o ser, humanizando as pessoas. Nietzsche em sua trajetória de sofrimento faz alusão à temporalidade para imortalização da experiência do ser. Esta temporalidade perpassa pelos três verbos de construção do fenômeno que gera a experiência da vida. Perpassa-nos a idéia de um pensamento causalístico pela ligação inerente dos signos lar, vivência, experiência, cotidiano e indivíduo.⁵ A busca pela compreensão de si, do processo que o torna, de todo o prisma e todas as retas paralelas e intersectadas que fazem parte dos processos formativos do ser e da existência, Nietzsche conseguiu apregoar-se e encontrar-se no labirinto da dor, sofrimento e doença. Para ele, a constituição de si e como alguém se torna o que é, ocorre neste obscuro momento da vida.

Diferente de Jung que argumenta que o homem alcançava seu excelso momento e plenitude na morte, Nietzsche acreditava que este excelso momento de sublimação e alcance de si, auto-descoberta e quase transfiguração do ser, ocorria nos anos da vivência do adoecimento. Com vistas ao afetamento e mudanças da corporeidade, sensação e percepção do indivíduo sobre si mesmo, a dor, o sofrimento e a morte tornam-se retas concorrentes, pois todas convergem o ser à introspecção em si mesmo, à procura de si mesmo, ao preenchimento das lacunas, ao entendimento do estado transitório ou permanente e a recriação e redefinição de si mesmo.

A leitura de *Ecce Homo* traz fragmentos de pensamentos e lembranças do autor em seu estado de adoecimento. Em toda sua trajetória de vida conviveu com fatores de desequilíbrio orgânico acentuados que culminaram em anos de obscuridade em sua fase adulta produtiva. Para Nietzsche, a doença não era uma ocorrência isolada, fruto de descompensação única; para ele a doença era resultado de um estado de adoecer geral que culminava no declínio do que ele chamava "força vital".

⁵ ARALDI, Clademir L. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche**. São P: In: Cadernos Nietzsche 5: 75-94. 1998. O niilismo é para Nietzsche uma questão fundamental, através da qual a experiência de instauração e dissolução dos valores é trazida à problematização filosófica, para explicitar a sua lógica de desenvolvimento; o niilismo se radicaliza e busca captar o espírito de incerteza, dúvida e hesitação, não ocorre a criação de valores afirmativos - o niilismo não consegue mascarar através de ideais e ficções, a vontade e tendência ao nada.



n. 10 (2013)

Encarando o adoecimento, não apenas como um processo biofisiológico e orgânico de desequilíbrio, mas como o desequilíbrio do organismo que tem as funções celulares e orgânicas e os processos biológicos e fisiológicos de regulação e compensação, todos, em conjunto, em estado de desequilíbrio ou estresse, que resultam na estafa e fadiga do organismo que chamamos indivíduo. Desejo focar nesta pequena análise de ser doente ou estar doente no que tange ao individualismo, a individuação e constituição de si, neste caso imparcial aos teoremas medicocentricos; mas totalmente imersa e minuciosa na doença do ser e estar, profundamente voltada ao verdadeiro sentido de antropocêntrico para tentar compreender a constituição do ser em si mesmo quanto ao seu próprio estado temporal e atemporal na auto-percepção e percepção do vivente.

Buscando compreender como se vive o adoecimento, em especial, diante da tríade pontyana de sensação, percepção e coporeidade, tentaremos compor o ensaio da patologia do vivente relevando a subjetivação, individuação e singularidades, demonstrando que a repetição não é uma generalidade, principalmente no que tange ao adoecimento e vivencia, esta pesquisa apresenta a tentativa de superar o reducionismo e generalidades, fornecendo algumas explicações que dêem um pouco de luminosidade e talvez significado a essa realidade única, subjetiva e singular do adoecimento, dor e sofrimento, trazendo resultados norteadores com um conjunto de produções que possam permitir a sensibilização à postura reflexiva; estabelecendo talvez novos fundamentos filosóficos, de educação, e de saúde que possam delinear uma nova estrutura de pensamento e contextualização, uma nova percepção sobre a singularidade do ser, do adoecimento e de cada adoecimento.



n.10

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 11.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ARALDI, Clademir L. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche**. São P: In: Cadernos Nietzsche 5: 75-94. 1998. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_05_05.pdf

INHELDER, B. **Jean Piaget – O estruturalismo**. Trad. Moacir Renato de Amorin. 3ed. DIFEL – São Paulo, Rio de Janeiro, 1979. Disponível em: http://biblioteca.hd1.com.br/O_Estruturalismo_Jean_Piaget.pdf

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. s/ed. Editora Ática: São Paulo, 2000. Livro digitalizado disponível em: http://www.uff.br/cienciainformacao/Disciplinas/CHAUIconvitea_filo.pdf

CHAUÍ, M. A noção de estrutura em Merleau-Ponty. In: **Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COHEN, Bernand e WESTFALL, Richard.S. **Newton – textos, antecedentes e comentários**. Ed.UERJ. Contraponto: Rio de Janeiro, 2002.

GONÇALVES, Rafael Ramos, GARCIA, Fernanda Alt Fróes, DANTAS, Jurema de Barros *et al.* **Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos**. *Estud. pesqui. psicol.*, ago. 2008, vol.8, no.2, p.0-0. ISSN 1808-4281.

HAWKING, Stephen. **Os gênios da ciência – sobre os ombros de gigantes**. Trad. Heloísa Beatriz S.R, Lis Lemos P.H.M. Rev. Tec. Sérgio Mendes Dutra.

ELSEVIER: Rio de Janeiro, 2005.JAFFÉ, Aniela et al. **A morte à luz da psicologia**. Tradução AlaydeMutzenbecher. S/ed. Editora Cultrix, São Paulo, 1980.

LEBRUN, G. **A Filosofia e sua História**. Texto: *A ideia de Epistemologia*. Org. Carlos Alberto Ribeiro de Moura et all. São Paulo, CosacNaify, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. Un inédit de Maurice Merleau-Ponty. In: **Parcours Deux**. Paris: Verdier, 2000.

MORIN, Edgar. **Complexidade e Liberdade**. Associação Palas Athena (THOT), São Paulo (no. 67, 1998, pp. 12-19), 1998. Disponível em: <http://www.juliotorres.ws/textos/teoriadacomplexidade/Complexidade-e-Liberdade.pdf>



n. 10 (2013)

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo ± Como se chega a ser o que se é**. Trad. Artur Morão. Coleção Textos Clássicos de Filosofia. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2008.

PEREIRA, Jaqueline Ritter e ARAÚJO, Maria Cristina Pansera de. **CONCEPÇÕES DE CIÊNCIA: UMA REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA**. VIDYA, v. 29, n. 2, p. 57-70, jul./dez., Santa Maria, UNIFRA, 2009. ISSN 2176-4603 X
Disponível em http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2009/vol_2/concepcoes.pdf

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997. Disponível em: <http://www.interface.org.br/revista1/ensaio5.pdf>

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre ciências**. -6.ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

SERRA, J. M. P. **Filosofia e Ciência**. Coleção: Artigos Lusosofia. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2008. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/serra_paulo_filosofia_e_ciencia.pdf

TORTORA, Gerard J & GRABOWSKI, Sandra R. **Princípios de Anatomia e Fisiologia**. 9.ed. Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro: 2002. Pg.06

ZUBEN, Newton Aquiles von. **Fenomenologia e Existência: Uma Leitura de Merleau-Ponty**. UNICAMP. Publicado em Temas Fundamentais de Fenomenologia. São Paulo. Editora Moraes. 1984.

WALTER, Benjamin. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas**. 3 ed. Vol 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Editora Brasiliense, 1987.